

## Um mundo cheio de sonhos

Pedro Djedjo \*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0009-0003-7504-7380>

Eu não sei por onde começar, sério não mesmo. Digo isto porque as palavras fogem de um redator sem a mínima experiência da sala; de um leitor agarrado ao celular ainda antes dos cânticos dos pássaros ao anunciarem a chegada de um novo dia de sol; de um escritor que, antes de tudo, não gosta de escrever nem ler, de um ouvinte que cochila enquanto bofeteia as cores brancas.

Essa é a minha história, minha trajetória desde a minha infância enquanto um imperfeito neste mundo dos disfarçados sem a tolerância. Alguns preferem chamar-me de Piedade, nome sem o dizer paternal, embora cause uma boa harmonia nos ouvidos dos homens da minha terra. No entanto, alguns curiosos perguntam:

— Piedade? É o seu nome? Bem, na verdade, prefiro não jogar nenhuma palavra a respeito. O motivo é que não sou bom em responder perguntas do tipo. Talvez eu tenha adquirido os mesmos valores do meu padrinho teimoso, mas muito bom.

Certa vez, perguntei uma amiga sobre o que fazia nos tempos livres dela — meu Deus! Se eu soubesse não teria perguntado. A resposta dela é tão abusiva que não dá para expô-la aqui nesse meu pequeno barco sem fios de eletricidade. Eu sei que é urgente que estejamos a perguntar a natureza sobre as coisas que fazem parte do nosso cotidiano e que nem sempre consigamos achar uma resposta satisfatória. Vivemos num mundo eufórico e bem dramático e é impossível caminhar pelo asfalto sem que se conheça o perímetro do perigo.

Aí vem a relevância de não deixar à Águia comer a sua língua

— *como dizem os mais velhos da minha era* — . E, assim, começou a minha aventura, uma

aventura que dos anos atrás os céus brilharam a meu favor.

Sonhar é algo natural, mas acreditar é bastante espiritual. Que vivam os pequenos deuses que nos trazem amor e que nos fazem acreditar que, enquanto pequenos peregrinos para terra verdadeira, a razão e a passividade do coração são as melhores moedas.

*Nô konta nô stória*

Foi numa tarde de julho de 1999, numa das terras da província norte da Guiné-Bissau, em meados da cruzada de fogo de sete de junho causada por um bicho que comia a barriga dos subordinados, mas que na selva contra *aldumau tumpaiau* derem suas vidas para que as outras espécies caminhassem hoje. O médico chefe que era também o *homi garandi* da terra, tinha alguns problemas

---

\* Licenciando em Letras Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira –UNILAB), Campus dos Malês, São Francisco do Conde, Bahia, Brasil. Autor do poema "A Liberdade e a Força Baiana", publicado no livro (E-book) "As Literaturas em Debate. Vencedor do IIº Concurso Literário Letras- Malês, Categoria Poesia. E-mail: [pedrodjedjo723@gmail.com](mailto:pedrodjedjo723@gmail.com)

psicóticos, quiçá? Não sei exatamente o que tinha de anormal, porém disseram-me que o coração dele transformou-se quando viu as pedras preciosas após uma terrível gigantesco batalha que levava onze anos de ataque e defesa.

Do lado extremo do inimigo, os cálculos implacáveis, que séculos atrás, pintavam nos pensamentos e desenhavam as ideias com as realizações de cálculos matemáticos e bússolas astrolábicas com a fome de acabar e exterminar o povo que além-mar vivia de multiculturalidade.

Felizmente, após essa pescaria feroz, a família Djedjo deu o primeiro passo da sua história, pois eu acabara de nascer, o filho primogênito a quem foi posto o nome de Pedro Djedjo. Alguns anos depois, numa tarde de nuvens claras, glorificando o majestoso e eu sentado ao pé de uma mangueira que soprava os seus melhores ventos conduzidos pelas ondas magnéticas celestiais, veio uma sombra de calças piedosas que me chamou de Piedade.

– Piedade, és tu jovem. Serás chamado – Piedade! Serás um bom menino, mas

passarás muitas dificuldades!

Heita! Assim começou a minha nova peregrinação no mundo dos disfarçados com esse nome sem o dizer paternal que lentamente escrevo: PI-E-DA-DE.

Poderia falar um pouco da minha família, mas enquanto estava num pesadelo de silêncio movido pela minha vontade, vi no meu sonho um velho menino que me aconselhou que não falasse da minha família porque os feiticeiros da minha *tabanca* estavam por algures. Lembro-me do que o meu vovô dizia: “sigam os vossos sonhos e sepultem sempre a tristeza na vossa *moransa*”.

Todas às noites, à beira de uma fogueira com chamas de quase sol do dia 25 de dezembro, a família reunia-se sempre. Contudo, a filosofia dela é meia estranha devido ao legado deixado pelos meus avôs. O meu pai ficava sempre fomeado. Preocupava mais com a gente e dava-nos a prioridade em tudo que fazia. É um homem bom, muito bom mesmo. O Papis, o gênio da casa, às vezes brigava com a Plascida, a irmã mais charmosa. E quanto a mim, gostava muito de esparguete, mas naquele dia, pedi salada crua e suco de goiaba, o meu preferido.

A Ivanilda, minha irmã, por sua vez, pediu arroz com batatas fritas e a Lauriana, a princesinha celestial da casa, optou por *caldo de mancarra*. Foi neste instante que a Binta, a dona da casa, pediu a palavra depois de ter acabado de tomar o seu suco de cabaceira.

- Com licença!
- Sim, mãe, esteja à vontade! Sublinhou Abrão, o Ronaldo da casa.
- Obrigada, respondeu ela.

Neste instante, todos ficamos ansiosos para ouvir as sábias palavras dela como de costume.

Entretanto, ela perguntou:

- Vocês, ainda não comeram. Por quê? Por acaso, não viram à comida!?

- Não se preocupe, mamãe Binta! Respondeu o Ivo quase gaguejando de raiva porque pensava que iria contar uma piadinha como de costume.

Uns minutos depois, a mamãe Binta fixou o olhar a todos nós que lá estávamos, mal começar a contar a estória, ouvimos um grito traumático que gritava sem cessar: "socorro...! Socorro...! Socorro...!"

Nesse momento, todos saímos apressadamente para socorrer a vítima que implorava. Mas como eu era tão jovem e praticava o desporto todas às manhãs, apressei-me mais que os outros.

Três minutos depois, finalmente, cheguei ao local na qual estava a vítima que pedira à ajuda. Suspiro... suspiro...!

- Por favor, salve-me! Fui... assaltada por bandidos mascarrados e...roubaram tudo que eu tinha. A menina estava a falar quase sem fôlego porque encontrava-se numa terrível situação.

Nem sequer tive tempo de perguntar o nome dela, sem perder tempo, levei-a para um centro de saúde que estava a uns dez quilómetros. Tentei pedir a carona, mas já sabem como é viver na aldeia, não é?

Com licença, doutor ..., doutor... por favor, a paciente está gravíssima!

- Traz-a por aqui, disse o médico que estava de serviço!

Fiquei obcecado com aquela beleza singular, aquele tom de pele da menina. Ela parecia com alguém que tinha caído dos céus há umas horas. Estava deslumbrante!

Tinha mãos impecáveis, dedos artificiais sem manchas, corpo perfeitamente arquitetado, epah. Acho melhor dizer – era uma árvore da vida mesma, um amor em pessoa verdadeira, uma gota do oceano celestial...!

Comecei logo a pensar « eu vou-me casar com ela custa-me morrer...eu não posso perder essa menina; ela é linda e de boa aparência, deve ser uma boa pessoa».

No meu íntimo imaginário, fiz muitos cálculos. Saí fora do quarto de hospital que ficava do lado estreito da clínica e comecei logo a cantar a música de Heitor Sampaio, músico guineense da velha geração « *tempus ku no pasa nka na diskisil tudu dia na pensa na bô ai flana,...* » coitado! Nem sabia cantar bem a música, mas estava muito feliz e animado com aquele ritmo tocante, cativante, emocionante, comovente, alegrante, ...

À tarde, despedi-me da mochinha e fui para casa. Quando lá cheguei pus-me a cozinhar.

Preparei o almoço e, em seguida, tomei o prato mais novo que o meu pai comprou na véspera de natal, mesmo sabendo que era o único de bom que tínhamos em casa. Mal servindo à comida ouvi o barulho na porta do quintal, afinal era a minha mãe chegando de mercado, um dos mercados mais lotados da minha aldeia.

- Boa tarde, filho!
- Boa Tarde, mamãe! Mãe, eu vou à clínica. Vou visitar a moça que socorri, aquela que estava a pedir ajuda quando estávamos reunidos no almoço.
- Que moça? Ah, sim, esquecemo-nos de perguntar-te quem era a vítima. Mas, então, como se encontra? Está machucada? Vais de pressa! Ficaré muito feliz com a tua presença.

Nessa altura eu acabara de fazer 22 anos. Os meus sonhos estavam quase a concretizar-se.

Sem perder tempo, peguei nas malas e fui embora. No caminho ao hospital encontrei com o meu Primo Domingos que tinha ido ao serviço no dia anterior.

- Bom dia, mano!
- Bom dia. Vai aonde, Piedade?
- Mano, vou à clínica. Uma amiga foi assaltada perto da casa e consegui levá-la o mais rápido possível para clínica.
- Humm, boa sorte então! Tomara que melhore logo. Já vou indo se cuide, menino.

Finalmente, cheguei. Estava tão feliz mesmo sabendo que não tinha dinheiro para pagar os gastos dela. Fui diretamente para a sala onde estava a menina. Quando lá cheguei, chamei o médico a sós e pedi-o a conta, mas disse-me que tudo estava pago.

Pago? Como? Perguntei ao médico de boca ao céu aberto.

- Sim, jovem Piedade. Tudo está pago!

Afinal, o médico era a família da paciente e eu cá muito triste, pensando em como conseguir dinheiro para pagar os gastos dela. Ah, que alívio! Comecei então agradecer o Divino Celestial no meu extremo interior esquerdo.

Depois de ter sabido que a paciente estava recuperando, alegremente, voltei para a sala onde estava a menina que nem conhecia pelo nome.

- Olá, como te sentes?
- Melhor, meu herói. Não imaginas como eu sinto. Confesso que nunca tive ajuda como essa antes. Muito obrigada! Eu teria morrido se não fosses tu... - Quem és tu? Meu anjo de guarda? – perguntou a menina.

Nesse momento, nem consegui falar. Estava muito emocionado com as lindas descrições, os elogios dela, aqueles risos líricos, aquele jeito singular de falar, eeee brow! É impossível não se apaixonar por ela embora estivesse ainda em recuperação. O que faria? Assediar, claro que não!

Entretanto, estava eu literalmente apaixonado por ela, sim, eu apaixonei-me!

Minutos antes de poder responder cruzamo-nos num olhar do céu aberto abençoando os nossos pensamentos de paixão e vi-a sorrindo tranquilamente. Posso garantir que não era um sorrisinho qualquer, acredite! Eu diria que algo de atração habitou em nós, todos nós.

Na ocasião, preferi que ela comesse para depois conversarmos sobre o assunto. Abri a sacola onde pus a comida e sublinhei – por favor, comas! Não sei cozinhar bem. Conversaremos assim que terminares de comer.

- Oh, meu herói, muito obrigada! Não me canso de agradecer-te por cada surpresa – rematou a menina.

Sou eu quem não cansa de agradecer a Deus por cada segundo por ter-me dado

essa oportunidade de conhecer-te. És a pessoa mais incrível dos meus sonhos.

Depois de termos trocados uns papos, deixei-a e fui comprar a água da marca *penacova* para que a menina pudesse beber assim que terminasse de comer *cafriela*, um prato tão típico e gostoso que é muito adorado na Guiné-Bissau.

No entanto, após a refeição, recebi um telefonema vinda da minha casa ... - Filho!?!... vem já...já... preciso ver-te agora!

Que houve, mãe? Diz-me, por favor!

Infelizmente, desligou o telemóvel. De certo, os agressores da menina assaltaram de novo a nossa casa.

- Nossa! Que houve? – Perguntou a menina com uma voz trémula.

Querida, tenho de ir. A minha mãe sofreu um assalto, é provável que sejam os mesmos insolentes que te assaltaram. Com licença, falemos depois!

- Querido, deixas-me ir contigo, por favor! Tu fizeste muito para mim mesmo sem me teres conhecido. Agora é a minha vez de retribuir-te tudo quanto fizeste, pois mostraste o cavalheirismo quando me encontrava num abismo profundo...

A menina insistiu tanto de modo que não tive como de inventar outras desculpas.

Tens razão. Vamos apressar, então!

Sáimos apressadamente, que nem um motor de mil quilômetros por hora. De clínica à casa, pelo caminho conversávamos. Eu não estava com tanta vontade de falar, sério. Os meus órgãos estavam em casa. Não demoramos muito a chegar, talvez tenhamos possuído a magia do druida Merlin, o mago dos anos muito remoto que viveu num grandioso reino onde reinava o rei Huther Pendragon, cujo filho Althur, o príncipe herdeiro. A magia do amor à mãe e ao mesmo tempo a ira que habitou no meu intimo contra os invasores que terão sido assaltado a minha

queridíssima mãezinha falava mais alto. Estava muito aborrecido, a menina por sua vez, tentava acalmar-me.

Felizmente, antes de chegarmos à casa, fomos avisados que os intrusos foram capturados por meu pai, o herói da família.

Nós, finalmente, legalizamos o nosso amor de milhões: eu e a minha arte prima pintada na primavera, a menina dos olhos azuis, a beleza que não tem adjetivo adequado na língua de Camões. Por parte dos meus amicíssimos irmãos e dos meus pais, não pude ficar sem receber a benção do amor e apoio deles. E, assim, se foi a minha história, a história que sempre quis contar para os colegas do curso, mas que pela insuficiência da escrita fui obrigado a calar-me.

Glossário:

*No conta nô stotóri: contar a estória (contemos a nossa estória) aldumau tumpaiau: homem branco (língua felupe)*

*homi garandi : homem-grande ( fig. Chefe de uma determinada aldeia) caldo de mancarra : prato típico da Guiné-Bissau*

*moransa: vilarejo*



Recebido em: 12/05/2024

Aceito em: 29/08/2024

**Para citar este texto (ABNT):** DJEDJO, Pedro. Um mundo cheio de sonhos. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº Especial II, p.286-291, out. 2024.

**Para citar este texto (APA):** Djedjo, Pedro. (out. 2024). Um mundo cheio de sonhos. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial II): 286-291.